

Nas quadras e nas festas, a intimidade do poder

Brasília — Para o maior salário da República (Cz\$ 54 mil com o gatilho de abril), o diretor do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma, o melhor lugar para se viver em Brasília não são as mansões do lago nem as superchácaras. Romeu Tuma, desde que deixou São Paulo, há dois anos, inaugurou o mais novo estilo de vida dos bons salários de Brasília: morar em um apar-

tamento da Academia de Tênis, e tem hoje como vizinhos os deputados João Hermann (PMDB-SP), Gil César, Aécio Neves e Ziza Valadares, todos do PMDB mineiro, por Cz\$ 25 mil mensais.

Morar na Academia de Tênis, além do acesso garantido a 20 quadras, sauna, piscina e bar, é passaporte para a convivência com boa parte dos minis-

tros que praticam o esporte da moda, como era fundamental, no governo Figueiredo, ter carteirinha de sócio da Hípica. A Nova República, que não gosta do cheiro de cavalo, joga tênis na Academia com os ministros do Exército, Leônidas Pires, da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, dos Transportes, José Reinaldo Tavares, e do Desenvolvimento Urbano, Deni Schwartz, todos frequentadores matinais.

— O doutor Tancredo ia ficar muito preocupado sabendo que tem tanto ministro jogando junto — dizia na quinta-feira o chefe de gabinete do Ministério da Aeronáutica, brigadeiro Murillo Santos, depois de perder uma partida para o general Leônidas, que é, indiscutivelmente, o pior jogador de tênis do ministério, segundo seus colegas de esporte. Mesmo perdendo para um iniciante, o brigadeiro Murillo sente-se mais a vontade na Academia do que no Clube da Aeronáutica. “Tem civil demais lá no clube”. Na Academia, depois de jogar, o brigadeiro e seus colegas militares vão “conversar coisas sérias” no bar.

O delegado Tuma não pratica esportes, mas seu nome é sempre lembrado quando as altas patentes se deparam com um lance duvidoso na quadra. Na ausência de juizes confiáveis para decidir quem cometeu a falta entre um general e um brigadeiro, ninguém tem

dúvidas. “Chamem o Tuma”, é o grito que se ouve invariavelmente.

Fora da Academia, só há um expediente para se ficar sabendo das tramas da República: frequentar as festas. Há dois tipos: o primeiro não funciona para quem procura informações, mas serve para badalar nas colunas sociais. São as recepções das embaixadas. “Às vezes eu conto em minha coluna que a embaixada tal vai dar uma recepção, mas não dou o endereço para evitar os penetras, uma praga aqui da corte”, diz o jornalista Gilberto Amaral, do *Correio Braziliense*.

Festa boa mesmo, para quem quer saber o que acontece, é na casa da empresária Vera Brant, mineira de Diamantina que possui a República em seu caderno de telefones desde 1964, quando entrou no ramo de comprar, vender e alugar imóveis em Brasília. “Brasília tem alma e ela se chama Vera Brant”, escreveu certa vez Oto Lara Resende.

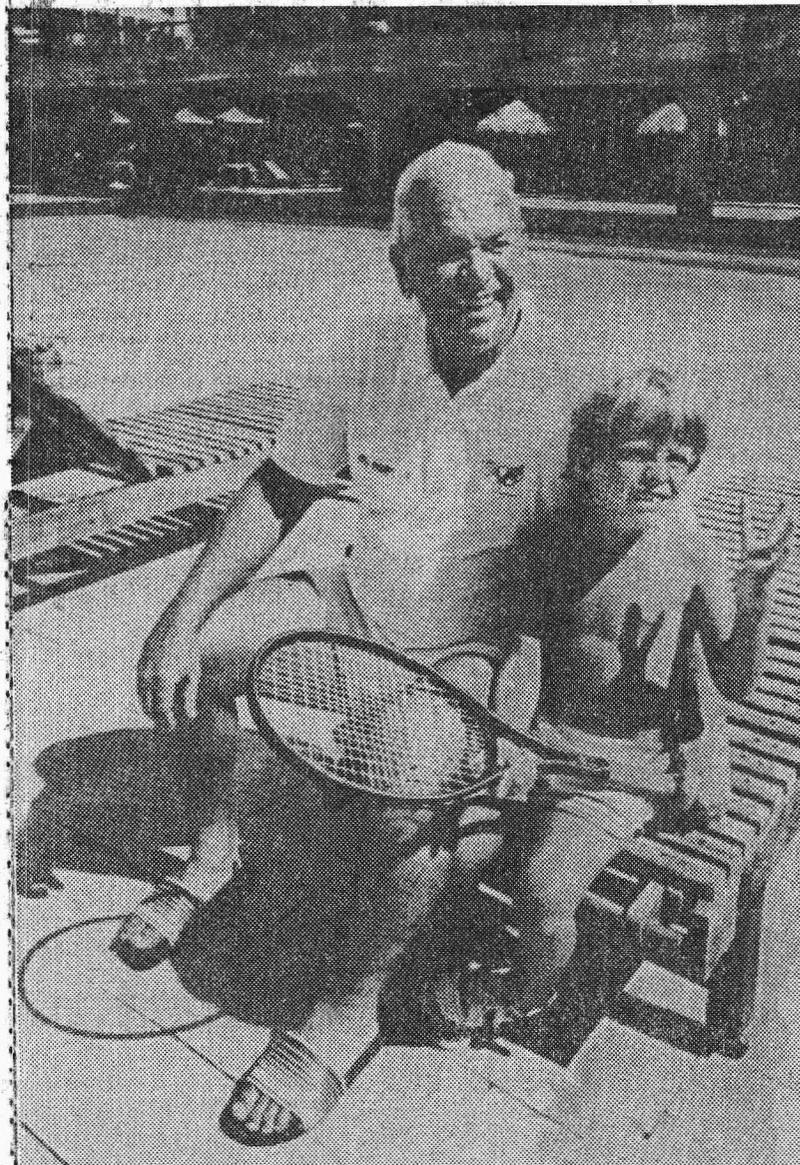
Pelo menos dois episódios da história recente do Brasil tiveram como cenário a casa de Vera. Na adega, Tancredo Neves convidou Fernando Lyra para o Ministério da Justiça. E, na sala de jantar, o senador Afonso Arinos foi convencido pela empresária a fazer um pronunciamento pela TV em defesa da posse do então vice-presidente José Sarney, no impedimento de Tancredo, quando chegaram à casa notícias de que

o ex-ministro Leitão de Abreu defendia a posse de Ulysses Guimarães.

Atrevida e independente, Vera Brant é capaz de ridicularizar um ministro (apresentada a Almir Pazzianotto, de fala arrastada e olhar fixo, perguntou-lhe se já havia experimentado o ramo da hipnose), jogar um copo de uísque na cara do governador de Brasília (José Aparecido de Oliveira, ex-

namorado com quem ela vive às turras) e até disparar farpas pouco protocolares ao presidente da República. Há dois meses, na casa do jornalista Carlos Castello Branco, José Sarney queixou-se a Vera de que simplesmente todos os jornais brasileiros falam mal de seu governo.

— E se fosse para falar bem, falaria o que, presidente? — fulminou.



O brigadeiro Santos joga tênis e foge dos civis



Morar na Academia de Tênis garante lazer e prestígio



Vera tem toda a República no caderno de telefones